

“QUANDO CRESCER VOU SER...”: ANALISANDO A DESIGUALDADE DE GÊNERO EM UM SEÇÃO DA “CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS”

ANDRÉA FERNANDES COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO; MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS – MAST)

RESUMO

Acredita-se que a educação ao contribuir para a construção das identidades de gênero pode, também, ajudar a desnaturalizar e a desconstruir a assimetria de gênero, questionando as desigualdades decorrentes desta. Em todas as esferas educacionais (formal, não formal e informal), esbarramos com uma série de limitações à promoção da igualdade, a medida que algumas práticas pedagógicas, discursos..., insistem em veicular concepções sobre as identidades de homens e mulheres que contribuem para a perpetuação de estereótipos que podem influenciar nas escolhas de meninas e mulheres jovens quanto aos seus destinos, tanto em nível pessoal quanto profissional. Neste trabalho abordamos a maneira desigual com que os gêneros são tratados nos textos veiculados na seção “Quando crescer, vou ser...”, existente desde 2001 na revista “Ciência Hoje das Crianças”. Com tiragem mensal de 230 mil exemplares, a única revista periódica sobre ciências voltada para o público infantil. Ao analisarmos todas as edições da revista disponíveis na internet que apresentavam na íntegra a referida seção, identificamos 50 textos que foram analisados. Um primeiro problema que se coloca é maneira de se referir ao profissional, astrônomo, arquiteto..., ou seja na maior parte das vezes (72%) no gênero masculino e poucas vezes (28%) a profissão é colocada de modo que abranja ambos os gêneros. Essa pode ser uma limitação imposta pela língua, no entanto a desigualdade entre os gêneros é também identificada nas imagens que ilustram os/as profissionais, bem como na seleção dos/as entrevistados (67,4% homens e 32,6% mulheres), dando maior destaque a participação masculina, em detrimento da feminina, no mercado de trabalho e no campo da pesquisa científica. Analisamos, a partir da categoria gênero, as limitações educacionais impostas pelo uso exclusivo da linguagem masculina presente em alguns textos de divulgação científica, bem como a relativa invisibilidade feminina nestes.

Palavras-chave: gênero; linguagem; divulgação científica

1. INTRODUÇÃO

Se solicitarmos a um grupo de crianças que estas desenhem “um cientista”, o que será que poderemos observar? Será que nós, adultos/as, faríamos diferente delas? Segundo Londa Schiebinger (2007), historicamente, quando estimulados a “desenhar um cientista”, 92% dos estudantes estadunidenses desenhavam homens. Esse quadro se transformaria sensivelmente em fins da década de 1990, quando o percentual caiu para 70%, e cerca de 16% dos estudantes desenhavam cientistas que eram claramente mulheres e 14% faziam desenhos ambíguos com relação ao sexo. Contudo, no que se refere a aspectos raciais/étnicos a representação social dos/as cientistas permanece bastante excludente, tendo em vista que 96% – dos/as cientistas continuou a ser descrito/a como caucasianos, a despeito da proeminência de asiáticos na ciência.

Segundo dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o número de pesquisadoras mulheres no Brasil aumentou de 39% em 1995 para 48% em 2006. No entanto, apesar de uma paridade numérica e de ser cada vez maior a participação da mulher na pesquisa científica brasileira, a participação das mulheres é muito menor nas ciências ditas duras como física e matemática do que nas Ciências da Saúde (54,7%) e as Ciências Biológicas (51,9%), além das Ciências Humanas (60,0%). (AQUINO, 2006). A presença das mulheres vai se reduzindo a medida que se amplia o nível hierárquico e é bastante reduzida nos cargos de liderança em todas as áreas científicas.

Tendo em vista esses dados, associados a estudos que se debruçam sobre as representações sociais de cientistas expressas pelo público infantil, torna-se proeminente discutir o papel da escola, dos materiais didáticos, mas também da divulgação científica na conformação de tais representações que majoritariamente excluem as mulheres do mundo da ciência.

Em todas as esferas educacionais (formal, não formal e informal), esbarramos com uma série de limitações à promoção da igualdade, a medida que algumas práticas pedagógicas, discursos..., insistem em veicular concepções sobre as identidades de homens e mulheres que contribuem para a perpetuação de estereótipos que podem influenciar nas escolhas de meninas e moças quanto aos seus destinos, tanto em nível pessoal quanto profissional (SOUZA, 2008). Acredita-se que a educação ao contribuir para a construção das identidades de gênero pode, também, ajudar a desnaturalizar e a desconstruir a assimetria de gênero, questionando as desigualdades decorrentes desta.

Neste trabalho abordamos a maneira desigual com que os gêneros são tratados nos textos veiculados na seção “Quando crescer, vou ser...”, existente desde 2001 na revista “Ciência Hoje das Crianças”, a única revista periódica sobre ciências voltada para o público infantil. Discutimos, a partir da categoria gênero, as limitações educacionais impostas pelo uso exclusivo da linguagem masculina presente em alguns textos de divulgação científica, bem como a relativa invisibilidade feminina nestes.

2. Gênero, educação e ciência: considerações sobre linguagem e assimetria entre os gêneros

A desigualdade entre homens e mulheres ainda marca fortemente a nossa sociedade. Esse fenômeno é determinado por processos que consolidam diferenças de valor entre masculino e feminino. Nesse sentido, o uso do conceito de gênero nos ajuda a ter um olhar mais atento essa realidade.

O gênero é um modo primário de dar significados às relações de poder e elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995). O conceito de gênero foi elaborado para distinguir a dimensão biológica (sexo masculino e feminino), da dimensão social (gênero: homens e mulheres). Sendo assim, a partir desse olhar percebemos que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura e não uma decorrência de seus corpos. Deste modo, o conceito de gênero reafirma que homens e mulheres são produtos da realidade social e que os diferentes sistemas de gênero – masculino e feminino- e as diferentes formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura e não diferenças naturais instaladas em seus corpos. (GÊNERO..., 2009).

Uma das principais questões que analisaremos neste trabalho se refere a forma como a questão de gênero repercute na divisão sexual do trabalho. O uso dessa categoria permite analisar criticamente a idéia de que as escolhas ou formas de inserção no mundo do trabalho sejam resultado de aptidões natas ou capacidades distintas entre mulheres e homens.

No que se refere às carreiras universitárias e a inserção no meio acadêmico e científico, identificamos uma adesão maciça das mulheres às carreiras existentes nas áreas de ciências sociais e humanas, profissões consideradas tradicionalmente voltadas para o ensino e cuidado dos outros, atributos tidos como “naturalmente” femininos (GÊNERO...2009). Segundo dados do Provão de 2003 (INPEP), eram mulheres 93,6% dos/as formandos/as em Pedagogia, 95% dos/as formandos/as de Fonoaudiologia e 88,6% dos/as formandos/as de Psicologia. Enquanto isso, os dados revelam que as Engenharias Mecânica; Elétrica e Civil tinham dentre seus/suas formandos/as respectivamente 94,9%, 89,9% e 75,6% de homens e a Física 73,9 homens, em franca demonstração de que essas áreas continuam a ser amplamente procuradas pelos rapazes. Dentre os estigmas e estereótipos negativos reforçados e que podem contribuir para a ausência das mulheres em determinadas carreiras científicas são as de que a mulher

“não gosta”, não tem “vocação” para a carreira científica, não tem a mesma “capacidade” que o homem para o raciocínio abstrato, não é capaz de “conciliar” atividade científica com a responsabilidade pela família e pelos filhos, é dominada pela “emoção”, não pela razão. (TABAK, 2006).

Segundo Tabak (2006), além dessas explicações, faltam incentivos e informação que contribuam para orientar as mulheres na direção da escolha por uma carreira científica. Entende-se que a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades decorrentes podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero, ou seja à desigualdades de oportunidades, condições e direitos entre homens e mulheres, o que acaba por gerar uma hierarquia de gênero.

Tendo em vista essas questões, adotamos a categoria gênero como forma de analisar as representações de cientistas elaboradas por uma revista de divulgação científica para crianças, a “Ciência Hoje das Crianças”. Trata-se de promover um questionamento acerca de representações assimétricas entre os gêneros que muitas vezes caracterizam, não só os materiais educativos como os livros didáticos, mas também outros materiais relevantes para a formação do público em idade escolar, como é o caso da revista CHC. A escolha por essa revista fundamentou-se no fato da mesma possuir um público infantil diversificado, à medida que é lida não só por crianças de alto poder aquisitivo, tendo em vista que é distribuída pelo MEC a escolas públicas de todo o Brasil e, deste modo tem também um amplo alcance geográfico, pois circula nacionalmente. Além disso, a revista possui uma versão eletrônica, por meio da qual disponibiliza na internet partes de seus conteúdos, ampliando ainda mais o alcance da mesma.

3. “Ciência Hoje das Crianças”: crianças, leitura e divulgação científica

A Revista “Ciência Hoje das Crianças”, publicada pelo **Instituto Ciência Hoje** - organização social vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), é única revista periódica brasileira sobre ciências voltada para o público

infantil. Ela surgiu no ano de 1986 primeiramente como um encarte da revista “Ciência Hoje”, publicação de divulgação científica voltada para o público adulto, existente desde 1982. Somente em 1990 deixa de ser um encarte e assume o *status* de publicação independente.

Atualmente com tiragem mensal de 230 mil exemplares, a revista continua a ser adotada pelo MEC e distribuída para 107 mil escolas. Além de poder ser lida no contexto escolar, a mesma pode ser adquirida nas bancas, mediante assinatura milhares de pessoas a recebem em suas residências, assim como pode, também, ter partes de seu conteúdo acessado pela internet, no site oficial da CHC.

A revista CHC aborda temas relacionados às mais diversas áreas do conhecimento científico (ciências humanas, biológicas, da saúde...), tecnológico e cultural. As cerca de 30 páginas de cada edição da revista são resultado de um projeto gráfico atraente e variado, bastante colorido e que faz uso de muitas imagens (ilustrações com diferentes traços, fotografias...) A mesma tem como estrutura cerca de três artigos mais extensos, sendo um deles correspondente a matéria da capa; e é composta por algumas seções fixas como: “Você sabia...”; “Quando crescer, vou ser...!” “Por que...”?; uma seção de experimentos, e Histórias em quadrinhos; Bate-papo; Jogo e seção de cartas e poemas.

No que se refere à revista disponível em meio eletrônico (site), esta apresenta em destaque na página principal de cada edição somente as matérias extensas e as seções “Você sabia...”; “Quando crescer vou ser...!” “Por que...”? e de experimentos. O conteúdo das matérias e das seções destacadas, por sua vez, são aleatoriamente disponibilizados em cada edição, sendo assim, o/a leitor/a virtual jamais tem acesso a todo o conteúdo da revista.

Uma importante referência sobre a relação do público infantil com a CHC é o estudo realizado por Guaracira Gouvêa (2000) em sua tese de doutorado, que teve como sujeitos/as da pesquisa as crianças-leitoras-assinantes da revista, revela importantes dados sobre as práticas de leitura dessas crianças da CHC. Por meio deste, podemos perceber o impacto e a importância da revista na vida dessas crianças. Segundo a autora, “o ato de ler a revista é parte da formação estética e de leitura dessas crianças”, expressas não só nos níveis de leitura que as mesmas realizam (interpretação e compreensão), mas também na relação afetiva e física estabelecida com a revista. Esse público vê a revista como fonte de informação, de aprendizado, de prazer, de estímulo à leitura. As crianças afirmam gostar de ler e destacam o caráter prazeroso propiciado pela leitura da revista.

As formas de ler a revista variam, podendo ter como referência determinadas seções ou o assunto. Ao lerem a revista realizam diferentes tipos de leitura segundo seus interesses e os padrões de leitura da revista variam. Algumas crianças realizam leituras instrumentais da revista, muitas vezes relacionado a “um problema prático, do cotidiano do estudante: fazer a pesquisa do colégio”, outras que realizam uma leitura emocional e outras uma leitura racional.(GOUVÊA, 2000)

Segundo Gouvêa (2000), as crianças utilizam os conhecimentos obtidos a partir dessas leituras para elaborar seus filtros de conhecimento. Deste modo, tendo em vista o importante papel desempenhado pela leitura da revista para o desenvolvimento não só cognitivo, do ponto de vista dos conteúdos científicos, mas também de suas percepções

acerca do mundo e do papel da ciência, torna-se relevante investigar que visão de ciência e que imagem de cientista estão sendo veiculadas pela revista.

4. “Quando crescer vou ser...” : analisando a assimetria de gênero

Com o objetivo de discutir as representações dos gêneros na divulgação científica voltada para o público infantil, optamos por analisar a seção “Quando crescer, vou ser...” presente na Revista Ciência Hoje das Crianças. A referida seção a cada edição apresenta ao público leitor uma profissão, em geral ligadas ao universo da pesquisa acadêmica e muitas carreiras de diferentes áreas da ciência.

Essa apresentação muitas vezes se estrutura a partir da fala de alguns profissionais que a exercem, abordando seus interesses na infância, a trajetória percorrida por estas pessoas até chegar a profissão. Os textos abordam as principais tarefas exercidas por esses/essas profissionais, em que local muitas vezes se dá esse trabalho e aponta as chances de inserção desses profissionais no mercado de trabalho. Tendo em vista o fato de se dedicar exclusivamente a formação e atuação de profissionais, muitos caracterizados enquanto cientistas, a análise dos textos/imagens apresentados nessa seção nos permite perceber e discutir como vem sendo elaborada a representação do/a cientista em um material de divulgação científica amplamente acessado pelas crianças brasileiras.

A seção escolhida para análise passa a integrar a revista a partir da edição do mês de abril de 2001 e, desde então até fevereiro de 2009, momento em que interrompemos nossa coleta de dados, foram publicados 88 números da revista com a seção “Quando crescer, vou ser...”, sendo que destes analisamos 52 seções.

O critério que orientou a configuração de nossa amostra foi o de analisar todas as seções “Quando crescer, vou ser...” apresentadas na íntegra no site da revista, pois deste modo teríamos fácil acesso às informações e estaríamos analisando um material disponível para um grande público e não somente para aquele público assinante da revista. A revista CHC disponibiliza em seu site partes de todas as edições publicadas desde o ano de 2000. A disponibilização de conteúdos na internet varia por edição, sendo que a cada número da revista disponível na internet, teremos acesso a determinadas seções da revistas e a outras não.

O acesso a todo conteúdo (imagens e texto completo) foi possível em 52 das 88 edições que apresentam a referida seção. Deste modo, considera-se o número de seções analisadas satisfatório para a reflexão que buscamos fazer, correspondendo a nossa amostra à aproximadamente 60% de todas as seções publicadas.

Um primeiro aspecto que gostaríamos de destacar em nossa análise se refere a forma de se referir, no título da seção, ao/a profissional em questão: Astrônomo, Físico, Estatístico..., ou seja na maior parte das vezes (72%) no gênero masculino e poucas vezes (28%) a profissão é colocada de modo que abranja ambos os gêneros (nutricionista, fisioterapeuta). Essa norma não está restrita apenas ao título e se repete fortemente ao longo do texto, como podemos ver nos trechos selecionados.

Ele explora o que está escondido dentro da Terra. Com seus equipamentos, vai a lugares nada acolhedores e pode até passar por alguns apuros (...) Este é o geofísico, um profissional que

deve ter entre suas habilidades o gosto para viver muitas aventuras. (CHC 156, abril de 2005)

Depois de cursar a faculdade, o físico pode dar aulas ou pesquisar. Porém, para ser pesquisador é preciso estudar mais alguns anos e ter um diploma de mestrado ou doutorado.(...) Um físico também pode trabalhar com física médica. Nessa área, ele se dedica a desenvolver instrumentos que são aplicados na medicina (...) (CHC 131, dezembro de 2002)

O etnobiólogo, portanto, é aquele que estuda o conhecimento produzido por cada comunidade a respeito dos seres vivos e como eles interferem nas crenças e na cultura dessa comunidade (...) Quem quiser, então, ser etnobiólogo precisa deixar qualquer preconceito de lado e respeitar outras formas de ver o mundo. (CHC 199, março de 2009)

Nos textos, a referência às mulheres só é feita por ocasião de entrevistas realizadas com mulheres profissionais e quando se referem especificamente a estas, a seus interesses, trajetórias e atividades. Isso ocorre em 22 das 52 seções analisadas.

Ao que parece, a vida queria mesmo que a menina - cujos pais sonhavam que fosse médica, advogada ou engenheira -- seguisse seu instinto de criança. Não por acaso, Inês foi guiando seu caminho até se tornar, adivinhe, uma especialista em aves! (...) Sua profissão? Ornitóloga! (CHC 142, dezembro de 2003)

Helena é uma musicista - denominação feminina para músico -- que cursou a faculdade de música, mas ela faz questão de afirmar que muitos desses profissionais estudam e pesquisam o assunto fora das salas de aula. (CHC 138, agosto de 2003)

Em 19 das edições analisadas encontramos representações das profissões a partir de referências exclusivamente masculinas, ou seja temos títulos que se referem ao gênero masculino ou a ambos os gêneros, seguida de imagens/ilustrações de profissionais homens e de entrevistas com profissionais também homens. Enquanto isso, dentre as seções analisadas, a única profissão apresentada a partir de referências exclusivas à mulher foi a de nutricionista, pois tanto a referência à profissão no título da matéria se aplica a ambos os gêneros (o/a nutricionista), as imagens representam uma mulher profissional da área e todas as profissionais entrevistadas eram mulheres. No entanto, ao longo do texto encontramos os seguintes trechos:

Saiba como trabalha o profissional que orienta as pessoas a comerem adequadamente(...)

(...) existe um profissional que orienta as pessoas a comerem os alimentos na quantidade e com a qualidade adequada. Você saberia dizer quem é? Está enganado se logo imaginou um chef de cozinha. A responsabilidade, na verdade, cabe ao nutricionista! (...) Um nutricionista pode atuar em muitas áreas, como na nutrição clínica, receitando dietas a pacientes em consultórios particulares(...) (CHC 134, abril de 2003)

Tendo em vista a forte exclusão das mulheres diante da linguagem utilizada, torna-se relevante analisar criticamente o uso do masculino genérico na redação de tais textos. Ao apenas concordar no masculino, os textos não estão reproduzindo somente as normas gramaticais, mas estão também contribuindo para a reprodução e produção de desigualdades nas relações de gênero.

A linguagem vem sendo utilizada como ferramenta de opressão, mas a mesma pode ser um importante instrumento de emancipação.

Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* afirma

Em certo momento (...) percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação”: ‘Quando falo homem, a mulher está incluída’. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: ‘As mulheres estão decididas a mudar o mundo’? (...) (FREIRE, 1997, p.36)

Ao assumir o status de natural, a linguagem se torna uma forma sutil e eficaz na produção de distinções e desigualdades, tendo em vista o fato de ser compreendida apenas como veículo de comunicação regido por regras gramaticais e dicionários. No entanto, a linguagem mais do que expressar relações e poderes, os institui e também atua de modo a produzir e fixar diferenças. (GÊNERO..., 2009)

Paulo Freire afirma a importância de alterações na linguagem, pois segundo ele, “*A recusa à ideologia machista, (...) implica necessariamente a recriação da linguagem (...)*” Ainda segundo este autor, não se deve esperar que primeiramente desapareçam as desigualdades que marcam as relações de gênero em nossa sociedade, para que somente a partir de uma realidade estruturalmente nova, se promova mudanças na linguagem, pois “*Não é puro idealismo, acrescenta-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo.*” Sendo assim, o autor apresenta a linguagem como recurso importante para transformação das relações assimétricas de gênero e esta mudança, por sua vez, “*faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo.* (...)” (FREIRE, 1997)

Além das limitações impostas pela linguagem utilizada, a desigualdade entre os gêneros é também identificada nas imagens que ilustram os/as profissionais, assim como também na seleção dos/as entrevistados. No que se refere às ilustrações presentes nas edições analisadas, identificamos 31 edições com referências masculinas, 15 femininas, 2 em que ambos os gêneros estão simultaneamente representados e 4 em que não foi possível realizar essa análise. A seleção de profissionais entrevistados também contribui para dar maior destaque a participação masculina, em detrimento da feminina, no mercado de trabalho e no campo da pesquisa científica, a medida que dos/as 95 entrevistados/as, 64 são homens e 31 são mulheres.

A norma excludente, pautada na hegemonia masculina, é também heterossexista e branca. Tanto nas representações que as crianças fazem do/a profissional cientista, quanto nos desenhos animados, estão excluídos/as, além das mulheres (REIS, 2006), as pessoas não-brancas. O preconceito e discriminação muitas vezes se dão de forma combinada e sobreposta. Na análise que fizemos, raramente foram localizadas

ilustrações que nos permitissem amplamente identificar cientistas e/ou profissionais negros e qualquer profissional mulher negra.

5. Considerações finais

Ao analisarmos 52 das 88 seções veiculadas na revista entre os anos de 2001 e 2009, identificamos, por meio da linguagem utilizada, da escolha de cientistas entrevistados/as e das ilustrações apresentadas, que é significativamente maior o destaque dado a participação masculina, em detrimento da feminina, no mercado de trabalho e no campo da pesquisa científica. A partir da categoria gênero, podemos perceber as limitações impostas pelo uso exclusivo da linguagem masculina presente em alguns textos de divulgação científica, bem como a relativa invisibilidade feminina nestes.

Deste modo, podemos afirmar que a linguagem utilizada na seção “Quando crescer, vou ser...” contribui, por meio da ocultação do feminino, para a demarcação dos lugares de gênero. Ao não utilizar a forma feminina em sua linguagem, a revista não contribui para a constituição das mulheres como sujeitos próprios, pois são sempre consideradas de antemão parte de uma categoria masculina (GÊNERO..., 2009), como médicos, professores, astrônomos...

No sentido de promover a igualdade, é fundamental um compromisso com a desnaturalização das desigualdades. No contexto das práticas de leitura, especialmente de publicações de divulgação científica para crianças, mas não só, torna-se fundamental refletir sobre o caráter excludente da linguagem que vem sendo utilizada nestes materiais e suas conseqüentes limitações educacionais, especialmente no que se refere às meninas leitoras.

Acredita-se na importância dos textos serem produzidos a partir de uma preocupação com representatividades mais igualitárias, tanto numéricas quanto qualitativas, das personagens masculinas e femininas. No que se refere aos textos de divulgação científica esta postura é fundamental, tanto para contribuir para uma participação mais ampla das mulheres em diversas carreiras científicas, quanto para a desconstrução das relações assimétricas entre os gêneros no mundo da ciência e das idéias “naturalizadas” de que existem carreiras masculinas e femininas.

6. Bibliografia

AQUINO, Estela M. L., Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: PENSANDO Gênero e Ciência. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2005, 2006. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006, p. 11-24.

AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: A trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.8, n.21, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GÊNERO e Diversidade na Escola (GDE): formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília:SPM, 2009.

GOUVÊA, Guaracira. *A Divulgação Científica para Crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças*. Rio de Janeiro, 2000. Tese (Doutorado em Educação, Gestão e Difusão em Biociências) – Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

REIS, Pedro; RODRIGUES, Sara; SANTOS, Filipa. Concepções sobre os cientistas em alunos do 1º ciclo do Ensino Básico: “Poções, máquinas, monstros, invenções e outras coisas malucas” *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v.5, n.1, 2006. Disponível em: <<http://enec2005.esep.ipp.pt/docs/com/com16.pdf>> Acesso em: 11 jul. 2009.

RICON, Luiz Eduardo. Cientista ou criança? - As representações sociais do cientista nos desenhos animados infantis. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: AS REDES DE CONHECIMENTOS E A TECNOLOGIA, 3., 2005. Disponível em: <<http://www.lab-educimagem.pro.br/frames/seminarios/pdf/lericon.pdf>> . Acesso em: 11 jul. 2009

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008, v.15, p. 269-281. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500015&script=sci_arttext> Acesso em: 11 jul. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação e Realidade*, v.20, n.2, 1995.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESPE, 1992.

SOUZA, Ângela Maria F.L. Ensino de ciências: onde está o gênero? *Revista. FACED*, Salvador, n.13, p.149-160, jan./jun., 2008.

TABAK, Fanny. Sobre avanços e obstáculos. In: PENSANDO Gênero e Ciência. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2005, 2006, p.27-40.

SITES CONSULTADOS

Ciência Hoje das Crianças – CHC < <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/>>

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/ Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil < <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/infogeral/index.html>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP < <http://www.inep.gov.br/>>

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - SPM/Publicações < http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/publicacoes/>